

# Até a próxima, Renata...

Marcelo Garbine

Não havia vento nem mar

Pra ela mergulhar

Menina olhava ao redor

Estava pior.

O cheiro era forte, de manguê

Sem coisas mais belas

Renata olhava o sangue

Em suas canelas.

Por que você foi se cortar?

Santa inquisição

As esferas do seu colar

Rolando no chão.

Fechada em si, se recata  
São cortes vermelhos  
E, mesmo morrendo, Renata  
Poupou seus cabelos.

Não queria se perdoar  
Em seus devaneios  
Vida pra finalizar  
Sem mais rodeios.

Apêndice, palavra errata  
Final compulsório  
Deixada, foi ela, Renata  
No crematório.

E Renata queima... queima  
Pra que tanta teima... teima  
Antecipada sem medo  
Ela quis ir mais cedo... cedo.

Até a próxima, adeus  
Vai sem cerimônia  
Fecha, então, olhos seus  
Abertos nas noites de insônia.

Preâmbulo de Alighieri  
Não estavam em seus planos  
Não há mais oitava série  
Nem catorze anos.

Pensou pelo lado positivo  
Não queria ela estar  
Com dezenas de anos vividos  
Pra recordar.

Sufrimento foi extirpado  
Sem vinte nem trinta  
Ela cortou com machado  
Pra que não se sinta.

Dores que não latejaram  
Anos não foram vividos  
Namorados não a abandonaram  
Não houve gemidos.

Hipócritas em salas com cofres:

"Ela era tão jovem"  
O que está morto não sofre  
Simples assim: dissolvem.

E Renata queima... queima  
Pra que tanta teima... teima  
Antecipada sem medo  
Ela quis ir mais cedo... cedo.

Marcelo Garbine